

Acritica
9/3/97 D1
168

Manaus, domingo, 9 de março de 1997

a crítica

D1

ÓPERAS



Já estão à venda no Teatro Amazonas os ingressos para o 1º Festival Internacional de Óperas, que acontece de 5 a 20 de abril, com apresentação de óperas e concertos.

CURSO

O Centro de Artes Chaminé abre inscrições para o curso de massagem oriental e ocidental a ser ministrada pelo músico e massagista Alfredo Jatobá.



criação

JURUPIXUNA

As relíquias de um povo desaparecido

Betsy Bell

Doze máscaras deverão ser a sensação da exposição "Memórias da Amazônia: Expressões de Identidade e Afirmação Étnica", que acontece de 3 de abril a 3 de junho, no Centro Cultural Palácio Rio Negro. A exposição abre as comemorações pelo V Centenário do Descobrimento do Brasil e vai contar com um acervo de 250 peças indígenas, colhidas há 200 anos pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.

As máscaras virão do acervo do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra e do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa. As 12 máscaras pertenciam aos extintos índios Jurupixuna do Estado do Amazonas, que viviam na povoação de Caldas, situada na margem oriental da foz do rio Cauaburi.

Para a museóloga da Universidade do Amazonas, Jane Cony, as máscaras Jurupixunas serão um dos grandes destaques da exposição "Memórias da Amazônia" em Manaus. Estudiosa das peças recolhidas por Alexandre Rodrigues Ferreira em sua viagem de 10 anos pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro e Mato Grosso, Cony explica a confecção das máscaras. Segundo ela, os Jurupixunas utilizavam para a armação básica da cabeça, trançados de arumã. "Em seguida, revestiam a armação com um engobo, uma argamassa em que era utilizada uma entrecasca feita com tururi. A pintura era feita com resinas, onde utilizavam muito as cores azul e vermelho", comenta ela.

No livro "Viagem Filosófica - Memórias" de Alexandre Rodrigues Ferreira, publicado em 1974 pelo Conselho Federal de Cultura, há um capítulo inteiro dedicado às máscaras Jurupixunas, onde o naturalista relata minuciosamente o processo de fabricação das peças. O texto foi escrito em Barcelos e data de 31 de agosto de 1787. "Da casca de algum vime tecem eles primeiramente a forma de cada máscara. Sobre ela vão assentando o pano, que lhe subministra a entrecasca da árvore Caxinduba, depois de sacada do tronco e batida com um tolete, para os dois fins: o de a estenderem e de lhe espremerem a humidade. Ela adquire a consistência do papelão. Pintada a máscara com a oca, com o urucu e carajuru, fica em termos de servir para o

baile. Note-se que, então da mesma entrecasca, porém mais delicada, fazem a máscara separadamente para a face, golpeando-a aonde é preciso que tenha os olhos e a boca; e sobre a cabeça fica a outra máscara servindo de capacete", descreve o naturalista.

Jane Cony observa que as máscaras sugerem figuras zoomórficas meio indefinidas e ressalta que eram usadas em danças noturnas, geralmente rituais sagrados para os índios Jurupixuna. De acordo com a museóloga, no texto de Alexandre Rodrigues Ferreira há comentários afirmando que a utilização das máscaras podia acontecer por diversos motivos. "Eram, por exemplo, usadas exclusivamente por homens para comemorar um triunfo de uma caçada ou de uma pescaria. Podiam ainda ser usadas para celebrar o nascimento, morte ou casamento de parentes e amigos".

O Museu Amazônico da Universidade do Amazonas, instituição realizadora da exposição "Memórias da Amazônia", recebeu somente o material fotográfico das máscaras Jurupixunas que estão no acervo da Universidade de Coimbra. As cinco máscaras variam de 25 a 52 centímetros de altura. As 12 máscaras Jurupixunas estarão expostas à visitação pública no Centro Cultural Palácio Rio Negro, a partir do dia 4 de abril.

Outras peças - A maioria das peças indígenas que estarão expostas em "Memórias da Amazônia" são da etnia Maué. Arcos de madeira; flechas de madeira e fibras vegetais ou confeccionadas com bambú e taboca; lanças; colares; tangas; vasos e pranchas paricá (bandejas) são parate das peças, onde várias delas são de nações indígenas já extintas ou quase extintas na Amazônia e no mundo.

Com o seguro estimado no valor de vários quadros de Van Gogh ou Picasso (o valor do seguro ainda não foi divulgado pela Comissão Organizadora do evento), a exposição vai contar ainda com peças como taças de cerâmica, tipiti, estojos paricá confeccionados com concha, osso e cerol; cuícas com cobre ou coroas de garras de onça e algodão. "Na verdade, o valor dessa exposição é inestimável e toda a comunidade científica, indígena ou amazônica está aguardando com ansiedade essas peças que representam o nosso passado ao vivo e a cores", declara a museóloga Jane Cony.



Máscara dos jurupixunas, um dos destaques da exposição "Memórias da Amazônia"

Fotos: Divulgação



Feitas com tururi e arumã, ...



... as máscaras dos jurupixunas...



...eram utilizadas nas festas